

O BOLSONARISMO E A NECROPOLÍTICA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO À LUZ DO ENSAIO DE ACHILLE MBEMBE

DIOGO MENDONÇA LEITE¹⁸⁵

Resumo: O conceito de necropolítica, cunhado pelo pensador Joseph-Achille Mbembe, adquire crescente importância na discussão da violência estatal na contemporaneidade. No Brasil, essa tendência é expressa no debate acerca do bolsonarismo. Este estudo vai na esteira de diversos outros que encontraram sinais de alinhamento entre o governo de Jair Bolsonaro e a necropolítica, buscando agora comparar os discursos (entendidos aqui como *pronunciamentos oficiais e extraoficiais gravados e/ou noticiados pela mídia*) do político com preceitos centrais do ensaio *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*, de Mbembe. São encontrados diversos pontos de contato, a saber: a utilização de um inimigo ficcional para criar exceção e emergência, a presença e o emprego do racismo como determinante do valor da vida e o alinhamento ao paradigma da colonização na questão indígena.

Palavras-chave: Bolsonaro – Bolsonarismo – Necropolítica – Discurso – Joseph-Achille Mbembe.

1. INTRODUÇÃO

O conceito de *necropolítica*, estabelecido pelo pensador camaronês Joseph-Achille Mbembe, tem se tornado cada vez mais central para o debate de violência estatal na contemporaneidade (TOMMASELLI, 2020, p. 183). Por isso mesmo, muitos são seus comentadores e suas novas interpretações.

Essa centralidade também explica a abundância de análises que ligam o conceito a práticas dos Estados contemporâneos, sobretudo no âmbito do recente avanço de grupos de extrema direita rumo ao poder em todo o mundo. No Brasil, esse fenômeno é refletido no *bolsonarismo*¹⁸⁶, que será também o tema do presente artigo. Muitos trabalhos analisam suas políticas públicas como alinhadas à ideia de necropolítica (por exemplo SEFAIR & CUTRIM, 2019; CASTILHO & LEMOS, 2021; MATIAS, 2021), enquanto outros encontram o conceito em aspectos gerais de sua retórica (como MEDEIROS, 2019; TOMMASELLI, 2020; DELFINO & MANIKIS, 2019; JUNIOR, 2019; RIBEIRO, 2020). Com o advento da pandemia, a postura do bolsonarismo diante da crise foi apontada por um crescente número de estudiosos como necropolítica (vide SILVA, BERNARDES & CASTRO, 2020).

¹⁸⁵ Graduação em jornalismo na USP. Foi repórter da Jornalismo Júnior, veículo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA - USP). E-mail: diogoleite@usp.br

¹⁸⁶ De modo a evitar a classificação prematura do bolsonarismo enquanto manifestação exemplar de determinada corrente política, como faz quase toda a bibliografia sobre o tema (vide SILVA, BERNARDES & CASTRO, 2020, p. 33 e RIBEIRO, 2020, p. 465, por exemplo, onde se mencionam fascismo e autoritarismo, comuns nessas designações), ele será aqui definido como o *movimento político liderado por Jair Messias Bolsonaro e alinhado a seus ideais manifestados politicamente*. Dessa feita, evita-se uma definição *a priori* do caráter do movimento, que poderia tornar a análise circular.

Este trabalho, inserido na mesma discussão dos mencionados no parágrafo anterior, busca testar a hipótese confirmada em todos eles: há, no bolsonarismo, especialmente no que diz respeito a sua postura ante questões raciais, de minorias e de políticas públicas para populações mais vulneráveis, manifestações dos ideais que Mbembe define como parte da necropolítica. Em síntese, a tese de que “o governo de Jair Messias Bolsonaro desenvolve uma política da morte, em que o alvo é o corpo negro, indígena, feminino, LGBTQTI+, periférico” (TOMMASELLI, 2020, p. 191). O que diferencia a abordagem utilizada aqui das demais é o escopo da análise. Ao invés de adotar um recorte temático, tomar-se-á como corpus de estudo os discursos¹⁸⁷ de Jair Messias Bolsonaro durante seu mandato de Presidente da República, um agrupamento definido temporalmente e pelo meio de veiculação apenas¹⁸⁸.

Os discursos políticos, que constituem esse corpus, são “o discurso do sujeito por excelência. A constituição do sujeito obedece às mesmas regras do discurso, ele não é anterior nem tampouco essencial, derivado de leis da história ou da própria natureza.” (PINTO, 2006, p. 89) Assim, são esses discursos que produzem o “assujeitamento” (p. 90) de Bolsonaro e dos bolsonaristas, que, ao se identificarem com eles, definem a expressão de sua subjetividade. É também neles que está a imposição dos desejos de Bolsonaro enquanto ente dotado de poder. “A característica fundamental do discurso político é que este necessita para sua sobrevivência impor a sua verdade a muitos” (p. 89). Mais além, “o discurso político se destaca de todos (...) porque enquanto os outros tendem a deslocar seus desejos de poder, tornando-os opacos, o discurso político explicita sua luta pelo poder.” (p. 92) Portanto, é nesse corpus que poderemos encontrar as principais manifestações dos ideais de poder e das identificações subjetivas de Bolsonaro, bem como o cerne das identificações que definem os bolsonaristas e, com isso, o bolsonarismo. Mesmo ideias não realizadas na prática podem ser analisadas através dos discursos, de modo que eles oferecem o material bruto da constituição do movimento.

A opção por definir esse corpus a partir de um recorte temporal parte da ideia de que os discursos são determinados também pelo tempo e pelo contexto social da enunciação (PINTO, 2006, p. 93), de modo que as manifestações de Bolsonaro enquanto deputado não necessariamente refletem o bolsonarismo contemporâneo (este sim objeto desta análise).

A definição de necropolítica adotada neste texto, de modo a evitar complicações de debates acadêmicos e recortes teóricos limitantes (tais quais os espaciais ou temporais adotados por reinterpretções do conceito), é aquela desenvolvida por Mbembe no ensaio “Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte”, no qual ele trouxe à luz a ideia pela primeira vez. É necessária uma ressalva, no entanto, já que se, para o camaronês, o signo “negro” é simbólico do que ele entende por necropolítica, neste artigo o termo será utilizado em analogias bem mais amplas, a espelho do que tem feito autores citados anteriormente. A intenção, contudo, não é esvaziar a potencialidade do

¹⁸⁷ “Discurso”, aqui, é tomado em seu conceito de prática social e denomina *pronunciamentos oficiais e extraoficiais gravados e/ou noticiados pela mídia*. A análise não busca se aprofundar no conceito de análise social, no qual “discurso” passa a ser, dentre outros, “uma tentativa de dar sentido ao real, uma tentativa de fixar sentidos, precária mas exitosa: precária enquanto não essencial e por isso, constantemente ameaçada de ser desconstruída; exitosa porque, no que pese a ameaça, contém uma continuidade histórica.” (PINTO, 2006, p. 80) Aquele, contudo, é entendido como hipônimo e como parte constituinte deste.

¹⁸⁸ No já citado SILVA, BERNARDES & CASTRO, 2020, também são analisados discursos de Jair Bolsonaro. No entanto, apenas aqueles sobre a temática da pandemia, e sob a ótica da ideia Freudiana de pulsão de morte. Assim, o estudo distancia-se da centralidade do conceito de necropolítica que marca este trabalho.

termo em sua acepção original, mas sim ampliá-la, levando-a para além dos Estados que Mbembe tinha em mente ao apresentar o conceito.

Por meio da análise de discursos do presidente Jair Bolsonaro sob a perspectiva do ensaio, e comparando-os diretamente, o estudo irá identificar pontos de contato entre os ideais de necropolítica definidos por Achille e os expressos por Bolsonaro. Destrinchando tais pontos descritivamente, conceituará a semelhança entre o ensaio e os discursos do presidente, explicitando a presença de manifestações do necropoder no bolsonarismo.

2. PONTOS DE CONTATO

2.1 O Inimigo Ficcional e o Estado de Exceção

Já na segunda seção de seu texto, Mbembe descreve a ideia de que a necropolítica, uma vez que consiste no regime baseado no ideal de soberania definido “no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2018, p. 5), precisa se constituir em um Estado que tenha o “direito de matar” (p. 17). A partir daí ele discorre sobre os conceitos, bem conhecidos na Ciência Política, de *estado de exceção* e *estado de sítio*. Nessa deliberação, chama a atenção, sobretudo, essa síntese:

o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar. Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo. Ele também trabalha para produzir a mesma exceção, emergência e inimigo ficcional. (p. 17)

A partir dela, passagens dos discursos de Bolsonaro adquirem grande significância. Em 2021, ele disse que “o Brasil tem um presidente que acredita em Deus, respeita a Constituição, valoriza a família e deve lealdade a seu povo — e isso é muito, se levarmos em conta que estávamos à beira do socialismo.”¹⁸⁹ Em visita ao Maranhão em 2020, fazendo clara referência às políticas de combate à Covid-19 e ao então governador do Estado, Flávio Dino, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), declarou: “Temos uma preocupação enorme contra aqueles que querem roubar mais do que o nosso dinheiro, querem roubar nossa liberdade. Essa nossa bandeira sagrada jamais será turvada de vermelho”¹⁹⁰. Ambos os trechos constroem claramente a imagem do *comunismo/socialismo/perigo vermelho* (termos usados indistintamente no bolsonarismo) enquanto grande inimigo da nação, que Bolsonaro enfrenta bravamente. A questão é tratada com urgência, pois parece iminente na fala do ex-presidente, ainda que não haja qualquer indício sério que aponte para uma ameaça de cunho comunista ou socialista no país. Assim, a narrativa do bolsonarismo expressa aqui é exatamente a descrita por Mbembe: a construção de um inimigo ficcional e urgente, que justifica o apelo à emergência e à exceção.

Em outros discursos do presidente, fica mais clara a utilização dessa construção para legitimar a violência estatal e, destarte, construir a partir do próprio bolsonarismo “a mesma exceção, emergência e inimigo ficcional.” (p. 17) No mesmo evento no Maranhão, Bolsonaro disse: “Nós vamos, num curto

¹⁸⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/o-anticomunista-bolsonaro-ja-fez-campanha-e-votou-no-comunista->

¹⁹⁰ Disponível em: <https://istoe.com.br/no-maranhao-bolsonaro-diz-que-vai-mandar-embora-o-comunismo-do-brasil/>

espaço de tempo, mandar embora o comunismo do Brasil. Nós não aceitamos esse regime ditatorial onde o povo não tem vez. Nós somos a liberdade, nós somos aqueles que não têm medo da verdade”¹⁹¹. Já em outra ocasião, no Piauí, ainda em 2019, declarou – na mesma segunda pessoa característica dos discursos políticos, que faz de sua fala uma voz de todo o bolsonarismo (PINTO, 2006, p. 103) – que “nós vamos acabar com o cocô no Brasil. O cocô é essa raça de corruptos e comunistas”¹⁹². O tom belicoso revela o entendimento de que essas enunciações se dão sob um regime em caráter de exceção (onde a violência estatal encontra base normativa), o qual é justificado pela suposta excepcionalidade da ameaça ficcional. Mas a situação violenta é criada não por ela (que, afinal, sequer existe), e sim pelos próprios discursos do poder (nesse caso, o presidente).

Essa construção de um inimigo ficcional surge na Ciência Política sobretudo no estudo do Fascismo. Como aponta Vladimir Safatle, um dos mais relevantes teóricos brasileiros da área, o Fascismo busca criar no povo a sensação, ao mesmo tempo, de um “cuidado paterno” e de um “inimigo à espreita” (2016). Embora fuja ao escopo deste trabalho aprofundar essa discussão, a relevância do ideal de Fascismo na atualidade faz necessária ao menos sua menção aqui.

O apelo à inimizade ficcional surge em outros discursos de Bolsonaro, especialmente sobre povos indígenas e pessoas LGBTQIA+, como será discutido adiante. Esses inimigos funcionam como encarnações do *perigo vermelho*, uma vez que a defesa de pautas desses grupos é entendida pelo bolsonarismo como “marxismo cultural” (CARVALHO, 2013).

2.2 Os racismos e o Necropoder

Mbembe parte para a discussão do papel do “racismo” na necropolítica. No entanto, como ele mesmo informa, o conceito de racismo empregado parte de Foucault, que é basal no pensamento do camaronês. Esse conceito é definido pela “distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros.” (2018, p. 17) Assim, mais do que o racismo baseado em diferenças étnicas, cuja relação com uma postura necropolítica está clara no Brasil desde muito antes do bolsonarismo – e, para além de discursos, também em dados concretos (ver LIMA, 2018) –, essa ideia exige, ou, por outra, propicia uma análise da postura do presidente em relação aos mais diversos grupos e subgrupos da população.

Mbembe escreve que “a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado.” (p. 18) Assim, uma perspectiva racista num Estado necropolítico, mais do que dividir a sociedade e hierarquizá-la, define, em última instância, o valor da vida de cada cidadão.

Nos discursos de Bolsonaro, o racismo é abundante. Em julho de 2021, ele comparou o cabelo crespo de um apoiador a um “criador de baratas”, e perguntou com que frequência o homem lavava-o¹⁹³. Aqui está expressa a ideia de que esse cabelo, típico da etnia negra, é mais sujo. Em última instância, considerando que esse discurso faz parte de uma narrativa hegemônica em nossa sociedade (LIMA, 2018 e TOMMASELLI, 2020), isso implica diminuir o povo negro em uma hierarquia social. Falando de outras minorias, em ataque à jornalista Thaís Oyama, brasileira de ascendência asiática e escritora de *Tormenta*,

¹⁹¹ Disponível em: <https://istoe.com.br/no-maranhao-bolsonaro-diz-que-vai-mandar-embora-o-comunismo-do-brasil/>

¹⁹² Disponível em: <https://istoe.com.br/no-piaui-bolsonaro-diz-querer-varrer-turma-vermelha-de-corruptos-e-comunistas/>

¹⁹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IRAQhsx_pKk

livro-reportagem crítico ao governo bolsonarista, ele disse que "Lá no Japão ela ia morrer de fome com jornalismo, escrevendo livro"¹⁹⁴. Sabendo que Bolsonaro, no mesmo ano, declarou que japoneses são "uma raça que" (diferentemente dos brasileiros) "tem vergonha na cara", e que "a maioria dos imigrantes não têm boas intenções"¹⁹⁵, entendemos que, para ele, Thaís – a quem ele já se referiu em muitas ocasiões como "japonesa"¹⁹⁶ – é vista como um membro de uma "raça superior" que, enquanto imigrante no Brasil (coisa que ela, na realidade, não é), passou a agir como nossa "raça" e, se aproveitando do país "inferior" em que está, consegue ser valorizada. A menção clara à morte da jornalista se colocada em um contexto no qual, segundo Bolsonaro, ela é "inferior", escancara o caráter do racismo, no discurso bolsonarista, de definidor do valor da vida de um cidadão.

Mais adiante em seu ensaio, Mbembe se baseia no trabalho de Enzo Traverso para estabelecer outro tipo de racismo que, agindo na necropolítica ainda da mesma forma, se diferencia pelo critério da discriminação: um "racismo de classe", que traduz "os conflitos sociais do mundo industrial em termos racistas" (2018, p. 20). Se olharmos mais atentamente para uma passagem já citada de Bolsonaro, encontramos um exemplo claro dessa prática. Em entrevista à Fox News, canal de televisão da direita norte americana, ele declara: "Nunca vi japonês pedindo esmola. É uma raça que tem vergonha na cara."¹⁹⁷ A utilização de uma distinção racial já observada na presente análise do bolsonarismo, que coloca os japoneses enquanto "raça superior", conjugada diretamente com uma inferiorização de pessoas em situação de rua, que é marcante na perspectiva do conflito de classes contemporâneo, ilustra a definição de Achille Mbembe de modo tão claro que até mesmo a acepção racista de "raça"¹⁹⁸ (que pretende remeter a um campo semântico biológico e, assim, à "censura biológica entre uns e outros") é empregada pelo presidente.

Mais adiante, o camaronês discute o conceito de necropoder. Em diálogo com David Theo Goldberg, Mbembe estabelece que o *necropoder*, isto é, o poder atuante *na e por meio da* necropolítica, assume diante da divisão racista "várias formas: o terror da morte real ou uma forma mais 'benevolente', cujo resultado é a destruição de uma cultura para 'salvar o povo' de si mesmo" (p. 31). Já se observou aqui que o terror da morte real aparece no discurso bolsonarista, como no caso de Thaís Oyama, e muitos estudos mostram que ele aparece mais ainda em suas práticas (seja contra o grupo LGBTQIA+, como discutido em MEDEIROS, 2019, contra os mais pobres, analisados por exemplo em SEFAIR &

¹⁹⁴ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>

¹⁹⁵ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/03/entrevista-bolsonaro-fox-news-xenofobia.html>

¹⁹⁶ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/03/entrevista-bolsonaro-fox-news-xenofobia.html>

¹⁹⁸ O emprego do termo "raça" é um tema controverso, já que, embora seja utilizado frequentemente para reforçar uma postura racista (como no caso do discurso analisado), ele é considerado legítimo por muitos estudiosos da área e até mesmo reivindicado por alguns movimentos antirracistas (ver GUIMARÃES, 2003). Não está no escopo deste trabalho uma discussão aprofundada da questão, que é tratada aqui apenas para elucidar que a acepção utilizada por Bolsonaro, e não o termo, é que tem conotação racista.

CUTRIM, 2019 e em CATILHO & LEMOS, 2021, ou contra tantos outros¹⁹⁹). Contudo, o terror exercido pela segunda forma de necropoder também abunda em discursos de Bolsonaro.

Durante a Marcha para Jesus de 2019, evento evangélico de grande relevância nacional, Bolsonaro se disse “um presidente que acredita e valoriza a família. Um presidente que vai respeitar a inocência das crianças nas salas de aula”. No mesmo discurso, ele afirma que “qualquer ‘juntamento’ de 2 seres vivos passou a ser uma família”, e que “a família está definido (*sic*) na Bíblia. Não tem emenda na Bíblia. E está definido na Constituição também. Na Constituição, diz que é homem e mulher.”²⁰⁰ Expressa nesses trechos está a ideia de que a população LGBTQIA+ constitui um grupo desviante, incorreto perante normas morais (a “Bíblia”) e legislativas (a “Constituição”) da sociedade. Então, estando clara a noção de que essas são pessoas “inferiores”, inadequadas, a retórica adquire a postura defensiva que busca exatamente proteger a sociedade de si mesma. Aqui, reaparece a construção do inimigo ficcional, agora encarnado na população LGBTQIA+. Ao afirmar que respeita “a inocência das crianças nas salas de aula”, Bolsonaro alude a sua narrativa de que o ensino de uma “ideologia de gênero” – interpretação errônea do bolsonarismo para “educação sexual”, em especial no que diz respeito ao ensino sobre gênero e sexualidade abordando as temáticas LGBTQIA+ (MEDEIROS, 2019, p. 297-298) – nas escolas corromperia a formação desses cidadãos. E, afirmando que aceitar essa minoria (através da própria educação sexual inclusiva) requer modificar códigos sociais religiosos e legislativos que – uma vez anteriores aos quaisquer “juntamentos” de 2 seres e, em certa medida, imutáveis – são basais para a sociedade, implica que para proteger ela e seus preceitos é preciso destruir a cultura LGBTQIA+.

Outrossim, tratando da questão indígena, Bolsonaro se expressa em dois discursos aparentemente contraditórios, mas que compartilham dos mesmos ideais. Diz ele que “o índio é um ser humano igual a nós, não é para ficar isolado em reserva como se fosse um zoológico”, mas também que “com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós.”²⁰¹ Se, no primeiro discurso, o presidente parece dizer que os indígenas são seres humanos como quaisquer outros, no segundo parece dizer o oposto, já que só recentemente teriam atingido esse status. Contudo, em ambos está claro que a igualdade entre indígenas e espécie humana não é auto evidente para Bolsonaro. De modo claramente racista, ele diz, na realidade, que o indígena é um ser humano na medida em que adquire valores da sociedade capitalista e ocidental, isto é, sai de suas reservas e adquire os hábitos de “nós”, ou seja, do grupo social com o qual Bolsonaro se identifica. Em última instância, há aqui um exemplo de boa parte do que já foi discutido por Mbembe sobre o racismo na necropolítica: a divisão social racista está atrelada também a um conflito de classe, pois o valor do indígena se determina por sua conformação ao capitalismo. Além disso, para tornar os indígenas humanos, ou, por outra, salvá-los em certa medida, é preciso destruir sua cultura e inseri-los em uma dita superior.

2.3 A Nova Colonização dos Indígenas

¹⁹⁹ Para uma enumeração de exemplos, ver MANIKIS & DELFINO, 2019.

²⁰⁰ Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/nor%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/bolsonaro-defende-fam%C3%ADlia-tradicional-e-chama-ideologia-de-g%C3%AAnero-de-coisa-do-capeta-1.357773>

²⁰¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>

Os trechos sobre indígenas analisados anteriormente têm um significado ainda mais profundo dentro do conceito de Mbembe. Para ele, a colonização é um paradigma do exercício da necropolítica. Parte essencial dessa prática é, tanto nas primeiras colonizações como agora, estabelecer os nativos da colônia como “selvagens”.

[As colônias] são habitadas por “selvagens”. As colônias não são organizadas de forma estatal e não criaram um mundo humano. Seus exércitos não formam uma entidade distinta, e suas guerras não são guerras entre exércitos regulares. Não implicam a mobilização de sujeitos soberanos (cidadãos) que se respeitam mutuamente, mesmo que inimigos. (MBEMBE, 2018, p. 34-35)

A ideia dos indígenas enquanto povo, no máximo, quase humano, é um exemplo claro da utilização do conceito de “selvagem” no bolsonarismo. “Aos olhos do conquistador, ‘vida selvagem’ é apenas outra forma de ‘vida animal’, uma experiência assustadora” (p. 35).

A incompreensão mútua entre indígenas e o restante da sociedade é recorrente nos discursos de Bolsonaro. Em 2021, referindo-se a um projeto da Fundação Nacional do Índio (Funai) para a operação de criptomonedas por povos nativos, ele disse: “Com todo respeito, a grande parte [dos indígenas] não sabe nem o que é dinheiro”. Em seguida, ele fez uma alusão ainda mais clara ao seu critério de discriminação dos indígenas, baseado no grau de conformação destes ao capitalismo hegemônico: “Nós estamos libertando os índios. Projeto anterior, o índio cada vez mais produzindo, como os parecis, um orgulho para nós.”²⁰²

Essa categorização do “selvagem” não é gratuita nem sob o ponto de vista da necropolítica nem nos discursos bolsonaristas. Como explica Mbembe, ela serve à justificativa da possibilidade de utilização da violência (no sentido necropolítico de distribuição da morte) contra os nativos, uma vez que eles passam a ser entendidos como uma “raça inferior”, incivilizada a tal ponto que com ela “não se pode firmar a paz” (p. 35). O objetivo último dessa justificação é a *ocupação colonial*, definida por ele como “uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais” (p. 38). Essa ocupação, no bolsonarismo, é expressa na grilagem de terras indígenas, isto é, na “expansão das fronteiras colonialistas” por meio “das invasões aos territórios originários” (MARTINS, MONFORT & GISLOTTI, 2020, p. 6), intensificada e apoiada pelo governo atual.

Quando das vésperas da primeira análise da tese do marco temporal pelo Supremo Tribunal Federal (STF), proposta defendida pelos ruralistas (e bolsonaristas) que retiraria dos indígenas a posse de terras não ocupadas quando da promulgação da Constituição de 1988, o presidente disse: “eu entendo que esse novo marco temporal [referindo-se à não implantação da tese] simplesmente enterra o Brasil. Tem coisas que são óbvias, e a gente não consegue entender por que certas pessoas agem de maneira contra (*sic*) sua pátria, são coisas inacreditáveis”²⁰³. A frase esconde, em suas entrelinhas, uma interpretação de cunho

²⁰² Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4941733-bolsonaro-sobre-indigenas-grande-parte-nao-sabe-nem-o-que-e-dinheiro.html>

²⁰³ Disponível em:

<https://www.fojeemdia.com.br/primeiro-plano/brasil/bolsonaro-diz-que-novas-demarca%C3%A7%C3%B5es-de-terras-ind%C3%ADgenas-podem-inviabilizar-agroneg%C3%B3cio-1.867962>

necropolítico e colonialista da questão. Para Bolsonaro, a vitória dos indígenas implica a derrota da nação brasileira territorial, econômica e até mesmo ideologicamente. Mbembe explica que a colonização e a necropolítica dela decorrente são centralmente baseadas na ideia da colônia como um território inimigo, que não pertence ao Estado e nem sequer constitui uma organização estatal. Aqui, novamente, há um exemplo da criação de um inimigo ficcional: os povos indígenas. É essa ideia de território inimigo, sem organização estatal que permita a guerra “legítima”, sob o “*Jus publicum*” europeu, o que legitima o uso da violência e da exceção a serviço da “civilização” (MBEMBE, 2018, p. 133). Assim, estando as terras indígenas excluídas do Estado brasileiro que idealiza Bolsonaro, e constituindo um território inimigo, a guerra contra elas e seu povo, sua ocupação colonial, sua grilagem, começam a ser legitimadas.

Um traço persiste evidente: no pensamento filosófico moderno assim como na prática e no imaginário político europeu, a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (*ab legibus solutus*) e no qual a “paz” tende a assumir o rosto de uma “guerra sem fim”. (MBEMBE, 2018, p. 32)

Tomando essa lógica da “guerra sem fim” no contexto da *nova colonização indígena*, podemos encontrar no belicismo do discurso bolsonarista a evidência de que esse traço marca a situação das terras dos povos nativos. Ainda sobre o marco temporal, Bolsonaro diz que sua aprovação “é o fim do agronegócio, simplesmente isso e nada mais do que isso”, ao que completa evocando a metáfora (bastante realista nesse caso) da guerra: “Outros problemas existem. A gente vai vencendo.”²⁰⁴ Essa contraposição de tom maniqueísta entre agronegócio e povos indígenas, em associação ao racismo e à atribuição de um caráter de exterioridade alienígena em relação a esses povos, estabelece e normaliza no imaginário bolsonarista o estado de “paz” na “colônia” enquanto uma “guerra sem fim” entre indígenas e grileiros. Isso porque, para que a civilização da qual os bolsonaristas se consideram parte exerça poder diante desses povos “inumanos”, requer-se o uso de uma força fora do que é aceitável para a sociedade em geral, que é civilizada e pode, diferentemente de “selvagens” como os indígenas, respeitar-se mutuamente dentro da lei.

A fim de finalizar essa discussão, cabe aprimorar, como faz Mbembe, o paradigma que rege a colonização (enquanto necropolítica) na sua forma contemporânea. Se a análise do bolsonarismo à luz do colonialismo, por assim dizer, tradicional, permite traçar seus princípios ideológicos centrais e identificá-los como manifestações da necropolítica, esse novo estudo reforça a tese ao fazer o mesmo com seu método.

“A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina” (MBEMBE, 2018, p. 41). Aqui, o alinhamento do discurso do bolsonarismo ao paradigma de Mbembe é auto evidente. Diz Bolsonaro: “Israel serve de inspiração. É um país que, perto de nós, nada tem, mas graças à fé, à coragem e à determinação de um povo, é um pequeno grande país. Obrigado por vocês existirem”²⁰⁵. Mais além, dois preceitos centrais do método adotado nesse novo referencial são claros em todos os discursos bolsonaristas analisados nesta subseção, a saber, a ideia de “levar a cabo uma ‘guerra infraestrutural’” (p. 47) – determinante na ideologia de privar os indígenas dos benefícios de seus

²⁰⁴ Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-revisao-da-tese-do-marco-temporal-sera-o-fim-do-agronegocio/>

²⁰⁵ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/12/16/perto-de-nos-nada-tem-diz-bolsonaro-ao-cumprimentar-israel.htm?cmpid=copiaecola>

territórios, que permeia todos os trechos discutidos anteriormente – e a de “forçar o inimigo à submissão” (p. 51), escancarada na tese de que a vida dos indígenas ganha valor na medida em que se submetem ao *modus vivendi* do restante da sociedade, de modo que o terror que os impele à morte força-os a recuperar o direito de viver através da submissão.

3. CONCLUSÕES

Os discursos aqui analisados não compõem uma seleção exaustiva. Pelo contrário, são apenas casos considerados exemplares do pensamento bolsonarista, de modo que muitos outros (no passado, no presente e, possivelmente, no futuro) reapresentam e reforçam as teses expostas neste artigo, além de expandi-las²⁰⁶. Assim, a correspondência entre o bolsonarismo e o conceito de necropolítica não é incidental ou pontual. Outros indícios retóricos presentes em seus discursos, como o uso de uma linguagem chula, que busca se aproximar da vulgaridade popular, e o falocentrismo, são também apontados por Mbembe como marcas do necropoder na pós-colonialidade (2001, p. 102-141).

Ademais, essa correspondência não está limitada ao campo da retórica. Como visto em diversos exemplos ao longo do texto, discutidos mais profundamente na bibliografia compilada na Introdução deste trabalho, as ações e consequências diretas e indiretas das falas de Jair Bolsonaro espelham o seu alinhamento com o ideal de necropolítica na realidade prática. Além dos já citados, um outro artigo que assevera especificamente essa relação é “More Than Words: Leaders’ Speech and Risky Behavior during a Pandemic” (“Mais que Palavras: Discurso de Líderes e Comportamento de Risco durante uma Pandemia”, tradução nossa), que comprova quantitativamente que há uma correlação entre os discursos de Bolsonaro e a negligência da prevenção à pandemia por seus apoiadores (AJZENMAN, CAVALCANTI & MATA, 2020).

Quanto ao tema central deste estudo, a saber, a existência ou não de manifestações do necropoder no bolsonarismo e seu caráter, é evidente que abundam pontos de contato entre ambos, de modo que o alinhamento é claro. Analisando qualitativamente essas correspondências, nota-se que, para além dos âmbitos das questões raciais, de minorias e de políticas públicas para populações mais vulneráveis, mencionados na Introdução deste trabalho, o bolsonarismo manifesta a necropolítica também quanto à sua ideologia e seu posicionamento ante opositores. Conclui-se também que ele tem traços de todas as principais características descritas por Mbembe, de modo que, a partir delas, poder-se-ia construir todo o cerne do conceito com exemplos extraídos dos discursos de Bolsonaro. Destarte, Jair Bolsonaro, de fato, ao menos dentro dos limites da análise de seus discursos (e, portanto, do que os discursos políticos revelam sobre um governo), evoca manifestações de um necropoder.

²⁰⁶ Há casos da caracterização de minorias LGBTQIA+ enquanto selvagens, por exemplo, como “quem quiser vir aqui [ao Brasil] fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. O Brasil não pode ser um país de turismo gay. Temos famílias.” (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injurias-e-racismo.shtml>)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Brasil. “*Bolsonaro diz que novas demarcações de terras indígenas podem inviabilizar agronegócio*”. Hoje em Dia. 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/brasil/bolsonaro-diz-que-novas-demarca%C3%A7%C3%B5es-de-terras-ind%C3%ADgenas-podem-inviabilizar-agroneg%C3%B3cio-1.867962>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

ARAÚJO, Gabriell. “*O Estado capitalista e o agravamento da necropolítica nas penitenciárias brasileiras em meio à pandemia*”. Revista Terra sem Amos, Dossiê “Necropolítica na América Latina”, ano I, n. 2, p. 13-20, 2020.

AJZENMAN, Nicolás, CAVALCANTI, Tiago, MATA, Daniel da. “*More Than Words: Leaders’ Speech and Risky Behavior during a Pandemic*”. SSRN. 22 de abril de 2020. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3582908>. Acesso em 22 de dezembro de 2021.

BEHNKE, Emilly. “*Bolsonaro diz que revisão da tese do marco temporal será o ‘fim’ do agronegócio*”. Poder 360. 11 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-revisao-da-tese-do-marco-temporal-sera-o-fim-do-agronegocio/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

“*Bolsonaro defende ‘família tradicional’ e chama ideologia de gênero de ‘coisa do capeta*”. Correio do Povo, Porto Alegre, 10 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/bolsonaro-defende-fam%C3%ADlia-tradicional-e-chama-ideologia-de-g%C3%AAnero-de-coisa-do-capeta-1.357773>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

“*Bolsonaro diz que Israel é inspiração ao Brasil: ‘Perto de nós, nada tem*”. UOL, São Paulo, 16 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/12/16/perto-de-nos-nada-tem-diz-bolsonaro-ao-cumprimentar-israel.htm?cmpid=co piaecola>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. 34ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CASADO, José. “*O ‘anticomunista’ Bolsonaro já fez campanha e votou no ‘comunista’ Lula*”. Veja. 25 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/jose-casado/o-anticomunista-bolsonaro-ja-fez-campanha-e-votou-no-comunista-lula/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

CASTILHO, Daniela Ribeiro, LEMOS, Esther Luíza de Souza. “*Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira*”. Revista Katálysis, n. 24, v. 2, p. 269-279, maio-agosto, 2021.

COSTA, Breno Augusto da. “*O conceito de necropolítica e a pandemia COVID-19: algumas notas sobre a realidade brasileira*”. REBELA – Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos, n. 1, v. 10, p. 32-65, janeiro-abril, 2020.

Estadão Conteúdo. “*No Maranhão, Bolsonaro diz que vai ‘mandar embora o comunismo do Brasil’*”. IstoÉ. 29 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/no-maranhao-bolsonaro-diz-que-vai-mandar-em-bora-o-comunismo-do-brasil/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

Estadão Conteúdo. “*Vídeo: Bolsonaro diz que corruptos e comunistas são ‘cocô do Brasil’*”. IstoÉ. 14 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/no-piaui-bolsonaro-diz-querer-varrer-turma-vermelha-de-corruptos-e-comunistas/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

GAJUS, Brenda Neris, ABRÃO, Rafael Almeida Ferreira, SANTOS, Vitor Hugo dos. “*Fake news em grupos bolsonaristas: a construção da China como inimigo*”. Le Monde Diplomatique Brasil. 27 de julho de 2021. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/como-as-fake-news-no-telegram-pintam-a-china-como-inimigo/>>. Acesso em 22 de dezembro de 2021.

JUNIOR, Ribamar José de Oliveira. “*Capitalismo Gore no Brasil: entre farmacopornografia e necropolítica, o golden shower e a continência de Bolsonaro*”. Sociologias Plurais, n. 1, v. 5, p. 245-272, julho, 2019.

LIMA, Fátima. “*Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe*”. Rio de Janeiro. Arquivos Brasileiros de Psicologia, n. spe, v. 70, p. 20-33, 2018.

MANIKIS, Alejandro, DELFINO, Folco. “*El discurso de Bolsonaro y su llegada al poder en Brasil: Racismo, otredad y necropolítica*”. In: XIII Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2019.

MARTINS, Elemir S., MONFORT, Gislaine C., GISLOTI, Laura J. “*Conhecimentos indígenas, autonomias e lutas anticoloniais Kaiowá e Guarani contra a necropolítica e o agronegócio*”. Revista Terra sem Amos, Dossiê “Necropolítica na América Latina”, ano I, n. 2, p. 5-12, 2020.

MBEMBE, Joseph-Achille. “*Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*”. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Joseph-Achille. “*The Aesthetics of Vulgarly*”. In: _____. *On the Postcolony*. Los Angeles: University of California Press, 2001. p. 102-141.

MEDEIROS, Ettore Stefani. “*Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos*”. Recis - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, n. 13, v. 2, p. 287-300, abril-junho, 2019.

MILITÃO, Eduardo. “*Sem provas, Bolsonaro cita vírus de laboratório e lança dúvida sobre China*”. UOL, Brasília, 5 de abril de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/05/bolsonaro-virus-china.htm?cmpid=co피아cola>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

“*Nunca vi japonês pedindo esmola. É uma raça que tem vergonha na cara, diz Bolsonaro*”. Pragmatismo Político, 19 de março de 2019. Disponível em:

<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/03/entrevista-bolsonaro-fox-news-xenofobia.html>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. “*Elementos para uma Análise de Discurso Político*”. Santa Cruz do Sul. Barbarói, n. 24, v. 1, p. 78-109, 2006.

RIBEIRO, Guilherme. “*Entre Armas e Púlpitos: A necropolítica do Bolsonarismo*”. Revista Continentes (UFRRJ), ano 9, n. 16, p. 463-485, 2020.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2ª Edição. São Paulo: Autêntica, 2016.

SEFAIR, Clara, CUTRIM, Isadora Abreu. “*A Necropolítica Neoliberal e as Políticas de Austeridade no Governo de Jair Bolsonaro*”. PIXO – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, n. 10, v. 3, p. 30-45, Inverno, 2019.

SILVA, Beatriz de Souza, BERNARDES, Marcus, CASTRO, Hárlen Eric Benevides de. “*Crônicas de uma pandemia negligenciada: da pulsão de morte do sujeito à necropolítica bolsonarista*”. Revista Terra sem Amos, Dossiê “Necropolítica na América Latina”, ano I, n. 2, p. 29-38, 2020.

SOARES, Ingrid. “*Bolsonaro sobre indígenas: ‘Grande parte não sabe nem o que é dinheiro’*”. Correio Braziliense. 4 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4941733-bolsonaro-sobre-indigenas-grande-parte-nao-sabe-nem-o-que-e-dinheiro.html>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

TOMMASELLI, Guilherme Costa Garcia. “*Necropolítica, Racismo e Governo Bolsonaro*”. Presidente Prudente. Caderno Prudentino de Geografia, Dossiê “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência”, n. 42, v. 4, p. 179-199, dezembro, 2020.

UOL. *Bolsonaro diz que ficar em casa “é para os fracos” durante a pandemia*. Youtube, 18 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4LewII7PVqQ>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

UOL. *Bolsonaro faz comentário racista sobre cabelo crespo: ‘Criador de baratas’*. Youtube, 8 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lRAQhsx_pKk>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

UOL. “*Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa*”, diz Bolsonaro sobre isolamento social. Youtube, 17 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3ohwVNWOJPA>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

“*Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo*”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>>. Acesso em 20 de dezembro de 2021.